

MST, Balanço, Violência no campo

O Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre (RS) entre 25 e 30 de janeiro de 2001, é o principal destaque do ano entre os movimentos sociais. Criado para ser a contraposição ao Fórum Econômico Mundial, na cidade suíça de Davos, o evento tem ampla repercussão internacional. Participam desde guerrilheiros colombianos, governadores de Estado, ativistas de outros países e intelectuais.

Um dos acontecimentos polêmicos ligados ao Fórum de Porto Alegre é a destruição de dois hectares de soja transgênica da multinacional Monsanto, liderada pelo líder da Confederação Camponesa da França, José Bové, com participação principalmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A consequência é a ordem do governo brasileiro para que Bové, a estrela do evento, deixe o país. A estimativa da organização do Fórum é que 16 mil pessoas tenham participado das palestras e das discussões na capital gaúcha.

A carta de princípios elaborada ao final do evento resume parte das idéias representadas ali. "As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização capitalista comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses." A segunda edição do fórum será novamente em Porto Alegre, de 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002.

MST – O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2001 não esteve tão atuante como força de oposição ao governo federal como no ano anterior. Os protestos e as ocupações de terra continuaram ocorrendo, mas de forma menos unificada. Os dados mais atualizados do governo, de outubro, contabilizavam 76 invasões de terra entre janeiro e maio. Por outro lado, o governo cumpre até o fim do primeiro semestre 60% da meta de desapropriação prevista para o ano. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, 474 imóveis tiveram a desapropriação decretada até junho de 2001. A área de terras incluída nesses decretos seria suficiente para assentar 27.792 famílias.

Alguns atos isolados do MST causaram grande repercussão, como a manutenção de seis pessoas como reféns durante a invasão de uma fazenda no Pará, entre elas o prefeito de Bannach (chegar, por favor) e uma vereadora. Cerca de 50 sem-terra exigiam a desapropriação imediata da Fazenda Serra Negra como condição para a libertação dos reféns. A postura do MST diante de agricultores não-vinculados ao movimento também provocou reações negativas. Em Minas Gerais, famílias foram despejadas de uma fazenda ocupada anos antes e ameaçadas por integrantes do MST porque não faziam parte da entidade.

Como forma de pressionar o governo a negociar metas de assentamento e recursos para agricultores, o MST ocupou propriedades de pessoas ligadas às autoridades federais. Foi o caso da Fazenda Renascença, em Minas Gerais, do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, invadida em abril. Em outra ocasião, os sem-terra ameaçaram invadir a fazenda dos filhos do presidente Fernando Henrique Cardoso, também em Minas Gerais.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nasce em 1984 das ocupações de terras no sul do país, em São Paulo e em Mato Grosso do Sul. Seu primeiro congresso, realizado em 1985, em Curitiba, começa a dar-lhe amplitude nacional. Os sem-terra definem a ocupação da terra como sua principal forma de luta, e sua expansão é amparada por outras instituições, especialmente a Igreja Católica, por meio da Comissão Pastoral da Terra.

Balanço – O MST se afirma como o principal movimento social do país e reúne mais de 300 mil famílias. Em 2001 contabiliza 1.490 assentamentos (áreas entregues pelo governo a lavradores sem-terra), que abrigam 108 mil famílias. Já os acampamentos (áreas ocupadas) são 585, e neles vivem 75 mil famílias.

Os números mais recentes do IBGE, do censo agropecuário de 1996, mostram o aumento da concentração fundiária no país. Em 1970, os estabelecimentos com mais de mil hectares representavam 0,7% do total e 39,5% da área. Entre 1995 e 1996, representam 1%, acumulando 45% da área. Em uma década, entre 1985 e 1995, a área destinada à agricultura cai de 374 milhões de hectares para 353 milhões.

Violência no campo – Os conflitos pela posse da terra levam à morte 14 trabalhadores rurais em 2000, segundo levantamento feito pela Comissão Pastoral da Terra e pelo MST. Entre 1980 e 2000, os mortos somam 1.520. O Pará lidera as estatísticas, com 406 assassinatos em 20 anos. Ganham grande repercussão o massacre de Corumbiara e o de Eldorado dos Carajás. Em agosto de 1995, em Corumbiara (Rondônia), dez sem-terra são mortos por policiais militares. Em abril de 1996, mais 19 trabalhadores rurais são mortos pela PM, em Eldorado dos Carajás (Pará), quando a polícia tentava desbloquear a rodovia PA-150. Três oficiais da PM envolvidos no "massacre de Carajás" são absolvidos pela justiça em agosto de 1999, entre eles o coronel Mario Pantoja, responsável pela operação. O Ministério Público recorre, e em maio de 2000 a justiça do Pará anula a sentença. Novo julgamento é marcado para setembro de 2001, mas é adiado para 2002 por dificuldades para a conclusão do laudo pericial pelo Instituto de Criminalística do Pará.